

## **Olhares do Pensamento Geográfico a respeito da Pós-Modernidade**

Ramon Coelho da Cruz  
Centro Universitário de Belo Horizonte – UNI-BH  
[ramonbhgeo@yahoo.com.br](mailto:ramonbhgeo@yahoo.com.br)

Letícia Carolina Teixeira Pádua  
Centro Universitário de Belo Horizonte – UNI-BH  
[lteixeira@acad.unibh.br](mailto:lteixeira@acad.unibh.br)

### **Resumo**

A pós-modernidade tem sido cada vez mais debatida, seja em sua essência, seja em suas conseqüências, pelas ciências sociais. Diante de diversas discussões busca-se, neste trabalho, levantar os olhares da Geografia ao que Harvey (1999) denomina “Condição Pós-Moderna”, através de análise das principais e mais influentes bibliografias que tratam desta questão, como também trabalhos geográficos, visando contribuir para o estudo das recentes e novas espacialidades e conseqüências sociais diversificadas. Para a compreensão do fenômeno pós-moderno, considera-se relevante o resgate da compreensão ampliada dos conceitos da Modernidade e seu entrelaçamento com a ciência geográfica e a evolução de seu pensamento. Faz-se fundamental, também compreendermos qual é e qual o momento em que se deu a crise da modernidade – se é que se deu – crise esta que é vista de formas diferentes e até controvérsias pelos diversos autores: para uns, vivemos a continuidade da modernidade com outras roupagens; para outros vivenciamos uma crise da modernidade e nos apresentamos contemporaneamente em total ruptura, em outra condição, que vem a ser a pós-moderna. Sendo assim, para estes últimos, o pós-modernismo pode ser compreendido como uma reação à modernidade. Gomes (2007) analisa a controvérsia entre dois pólos epistemológicos da modernidade, a racionalidade e a contra-racionalidade que, segundo o autor, mantêm o movimento permanente da ciência e a renovação dos ritos do “novo”, o que o autor denomina de verdadeiro mito da modernidade. Colocando como hipóteses, Gomes (2007) salienta que o confronto entre estes dois pólos surgiu um gênero de debate na geografia, perceptível a cada momento de transformação ou discussão metodológica; e considera que a dualidade das posições metodológicas na Geografia constitui uma expressão da modernidade, ou até mesmo uma descrição do mundo correspondente a este período moderno. Entretanto, paradoxalmente, Gomes (2007, p.341-342) coloca a pós-modernidade como a última das correntes do pensamento geográfico moderno “(...) que anuncia o fim dos tempos modernos, mas, fazendo-se herdeira de certos momentos da tradição, inscreve-se, mesmo a contragosto, no ciclo da modernidade”. Salvi (2000, p.77) afirma que à análise ou identificação do “... potencial crítico dessa questão faz com que os estudiosos procurem redefinir as possibilidades de análise, discutindo-a antes como uma condição histórica e não como estilo.” Para Salvi (2000, p.97) “... o pós-modernismo pode ser identificado como a cultura emergente da pós-modernidade” e descreve expressões deste nas artes, na literatura, na arquitetura e na filosofia, que permitem conceber o pós-modernismo como “... um marco de mudanças fundamentais, além da provável expansão da importância da cultura nas sociedades contemporâneas”. Harvey (1999) apresenta ainda maior abrangência no que tange o trabalho dos conceitos pós-modernos na geografia afirmando a ocorrência de uma mudança abissal nas práticas culturais e político-econômicas desde 1972, e esta

mudança está “... vinculada à emergência de novas maneiras dominantes pelas quais experimentamos o tempo e o espaço” (p. 7). Portanto, enxerga-se este período do pós-modernismo como um período de transformações culturais. São tratados por Harvey (1999) nesta pesquisa acerca da mudança cultural o pós-modernismo na cidade, que ganha expressão na arquitetura e no projeto urbano, a transformação do fordismo à acumulação flexível, ocasionada diante da transformação político-econômica do capitalismo a partir do final do século XX, a compressão do tempo-espaço e a “condição pós-moderna” (título da sua obra). Por se tratar de uma situação contemporânea, presente, como afirma Harvey (1999), não é fácil elaborar uma visão crítica da pós-modernidade, por esta ainda não ser uma condição histórico-geográfica. Sendo assim, considera-se de extrema relevância trabalhos que venham a confrontar e elucidar os diversos posicionamentos frente à pós-modernidade e, em especial, compreender como esta nova realidade pode influenciar e ser influenciada pelo pensamento geográfico.

**Palavras chave:** modernidade, pensamento geográfico, pós-modernidade.

**Eixo Temático:** 2. Respuestas Teórico Metodológicas de la Geografía ante las Recientes Espacialidades.

**Sub-Eixo:** Evolución del pensamiento geográfico

## **Introdução**

No mundo contemporâneo vivemos uma nova realidade no âmbito cultural, político e intelectual, ou apenas nos adaptamos às pequenas e constantes evoluções em nosso cotidiano? Independentemente da resposta a esta questão central, estes “novos tempos” trouxeram novos debates na ciência e, conseqüentemente, o acompanhamento e a contribuição dessa discussão pela Geografia, uma vez que “tanto o fazer a geografia, quanto o falar sobre ela estão irremediavelmente associados à ordem do mundo” (GOMES, 2007, p.342).

Esta nova realidade que se coloca, considerada como a era da pós-modernidade, deve ter suas noções compreendidas na própria modernidade, uma vez que, até pela semântica, percebemos que uma teria relações temporais e/ou evolutivas a partir da outra. Faz-se importante, portanto, retratar as principais controvérsias deste período, que conforme Gomes (2007, p.53) é fundado pelas mudanças que se manifestaram no término do séc. XVII e no decorrer do séc. XVIII, correlacionadas ao iluminismo na Europa. Tais mudanças proporcionam influência mundial no século XX em diante, estabelecendo seu entrelaçamento com a construção e evolução do pensamento geográfico.

O que desencadeia, desde o definir ou o procurar entender o que vem a ser a modernidade, em complexos debates que permeiam afirmar a contemporaneidade como uma possível “pós-modernidade” ou não. Salvi (2000, p.96) conclui que esses debates têm provado um ímpeto para importantes críticas e avanços. Portanto, deve-se buscar uma reflexão dos debates e não um resultado prático.

[...] esse fenômeno [modernidade] vai aos poucos, como que por osmose, se infiltrando nos interstícios sociais e mostrando novas características que só se implementam por causa do implemento que o capitalismo oferece às suas forças produtivas (SPOSITO, 2004, p.134)

As crises da modernidade correlatas às crises do capitalismo e questionadas pelos reacionários movimentos contraculturais e antimodernistas a partir dos anos 60 são para Harvey (1999) o cerne do pós-modernismo. Gomes (2007) retrata como contracorrentes e Sposito (2004) como crise paradigmática. Hissa e Gerardi (2001) consideram este momento também como crise das ciências e da humanidade, em que as expectativas de progresso (demasiadamente difundidas pela modernidade) são substituídas, ou acrescidas, por frustrações e desesperanças. Para Salvi (2000, p.97) “... o pós-modernismo pode ser identificado como a cultura emergente da pós-modernidade” e descreve expressões deste nas artes, na literatura, na arquitetura e na filosofia, que permitem conceber o pós-modernismo como “... um marco de mudanças fundamentais, além da provável expansão da importância da cultura nas sociedades contemporâneas”.

Harvey (1999, p.9) afirma em sua obra *Condição Pós-Moderna*, examinar de forma simplificada os fundamentos político-econômicos, aprofundando depois a respeito da “experiência do espaço e do tempo como vínculo mediador singularmente importante entre o dinamismo do desenvolvimento histórico-geográfico do capitalismo e complexos processos de produção cultural e transformação ideológica” que culminam na condição pós-moderna.

Sendo assim, não se objetiva aqui esgotar estas complexas questões, mas ao contrário, dar início a um debate ainda pouco difundido entre estudantes de Geografia, tentando, através da síntese e análise, trazer para a linguagem e o cotidiano dos graduandos e àqueles que apenas iniciam seus estudos por estas vertentes, uma possibilidade de contato, visando incitar a curiosidade, e despertar (quem sabe?) futuros pesquisadores e epistemólogos da pós-modernidade e suas novas especialidades.

## **A Modernidade e a Geografia**

Difícilmente seria possível situar historicamente o período moderno através de eventos históricos. Tanto seu início, como seu fim – se é que houve – são frutos de uma “mudança sutil e gradual de diferentes formas, e possui uma dinâmica espaço-temporal muito complexa para ser objeto de uma precisa localização, embora uma época moderna seja perceptível” (GOMES, p.28).

Sendo assim, retratar a modernidade também não é uma tarefa simples, dada a sua complexidade que se manifesta em controvérsias. Gomes comenta a convivência dos paradoxos neste período ao dizer que,

a modernidade, freqüentemente apresentada como um período totalmente dominado pela racionalidade, constrói sua identidade [...] sob a forma de um duplo caráter: de um lado o território da razão, das instituições do saber metódico e normativo; do outro, diversas “contracorrentes”, contestando o poder da razão, os

modelos e métodos da ciência institucionalizada e o espírito científico universalizante (GOMES, 2007, p.26).

Ainda, Gomes (2007) analisa a controvérsia entre dois pólos epistemológicos da modernidade, a racionalidade e a contra-racionalidade que, segundo o autor, mantém o movimento permanente da ciência e a renovação dos ritos do “novo” – o verdadeiro mito da modernidade. Para o autor existem três elementos fundamentais no discurso moderno: o caráter de ruptura, a constante imposição do novo e a pretensão de alcançar a totalidade; sendo assim, se configura um debate permanente entre o tradicional e o novo que, acaba por ser tornar tradicional e é, então, contraposto por um novo “novo”.

Ora, a Geografia como ciência não poderia ficar imune a tais contradições. Houve então, um constante embate epistemológico e metodológico, uma constante dualidade de posições que marcam o fazer geográfico moderno. Sendo assim, podemos perceber esta evolução da ciência geográfica através da contraposição desde os primórdios de sua sistematização (embora seja bastante provável que tal característica seja mesmo anterior a este evento, aqui nos importa, especialmente, os efeitos da modernidade na Geografia enquanto ciência autônoma).

Grande parte dos historiadores e epistemólogos colocam Alexander Von Humboldt como o primeiro a estabelecer as novas regras do pensamento geográfico moderno. Entretanto, cabe observar que a própria concepção de sua obra mais conhecida, o “Kosmos” remete ao momento histórico-científico iluminista e busca, portanto, sistematizar através de fundamentos metodológicos rígido, as suas cosmografias, que acabam por serem entrelaçadas aos seus relatos de viagens.

Carl Ritter também, junto a Humboldt, figura como fundador da geografia moderna e científica. O pensamento de Ritter é difícil se ser classificado, uma vez que seu discurso se dá de forma contraditória, pois ora toma a forma de uma hermenêutica da natureza, ora recorre ao estilo científico positivo mais puro (GOMES, 2007, p.171).

Ao fazer um primeiro balanço, Gomes (2007, p. 172) afirma encontrar na análise das obras de Humboldt e Ritter “a dualidade característica da modernidade, a qual se define pela presença simultânea de posições racionalistas e de posições que se lhes opõem”. E sublinha que por mais que “os pólos epistemológicos se misturam em proporções variáveis, sem aparência contraditória, esses dois autores legaram à posteridade geográfica procedimentos que repercutem essa dualidade fundadora que depois será vivida de outra forma”.

Com Darwin e sua “A origem das espécies” influenciou, de modo geral, todo um fazer e uma saber científico que, na Geografia, encontrou em Ratzel um grande propagador. Ora, não é incomum, a partir desta relação, a ligação deste geógrafo com o chamado determinismo geográfico, entretanto, há aí uma nova contradição, pois, vimos nascer uma série de outros “determinismos”: o econômico, de influência marxista; o lógico-matemático, da Nova Geografia; o psicológico da escola behaviorista (GOMES, 2007).

Os anos que se seguem presenciam o início de uma reação crítica em relação às monografias regionais na geografia, conhecido como período do apogeu da influência da escola francesa de geografia. Os vinte primeiros anos do séc. XX balançaram as bases do positivismo clássico, através da relatividade, descontinuidade e, de uma outra

maneira, pelo sentimento de incerteza e de indeterminação da ciência (GOMES, 2007, p.225-226).

A Geografia se desenvolveu, portanto, de forma bastante segmentada, com dificuldades de diálogo e de comunicação o que, aparentemente, é causa da dispersão geográfica das “escolas e círculos” organizados desde esta época (início da influência moderna da Geografia). De acordo com Gomes (2007) a simples denúncia de um comportamento tradicional, defasado e antiquado, foi à base da eclosão da Nova Geografia, sustentada por um método lógico-matemático.

Embora a geografia clássica tenha conhecido o gênero de controvérsia nas questões geográficas, nestes últimos anos, o debate epistemológico se tornou mais evidente, ao divulgar suas filiações filosóficas e aceitar o fato de que esta é uma discussão em torno da legitimidade metodológica, tendo a identidade geográfica, a partir dos anos 60, se definido como reflexo do pertencimento a um pólo epistemológico preciso (GOMES, 2007, p.272-273).

Um relevante paradigma para a superação destas características surge dentro das próprias contradições modernas que se vem discutindo aqui: o humanismo fenomenológico traz consigo uma profunda ambigüidade, uma vez que procura o lugar do subjetivismo na ciência. Sendo assim, Gomes (2007) afirma que os argumentos críticos fundamentais desta corrente já começam a se organizar em um outro campo de batalha, que diz respeito ao pós-modernismo, que renova toda esta tradição crítica, característica de todas as outras contra-correntes precedentes, com o anúncio de ruptura definitiva da ciência racionalista, responsável pelo constante embate da modernidade.

### **Da modernidade a pós-modernidade: as constantes mudanças sociais**

As profundas transformações ocorridas na organização social vivenciada pela Europa a partir do século XVII, onde os pensamentos sobre a identificação do indivíduo com o local, as influências das concepções individuais no coletivo e, sobretudo, acerca do palco onde ocorrem tais relações, modificaram a concepção de espaço e tempo, lançando sobre o mundo processos sociais que ganharam velocidade assustadora nos tempos da revolução industrial, conceberam a chamada modernidade, que juntamente com a explosiva expansão capitalista, crescimento urbano e um competitivo poder de acumulação capital empresarial moldaram uma sociedade de preocupações, anseios, visões e manifestações artísticas nunca antes vivenciadas, "A modernidade é o transitório, o fugidio, o contingente, é uma metade da arte, sendo a outra o eterno e o mutável" (BAUDELAIRE, 1863 *apud* HARVEY, 1999, p. 89).

A modernidade caracteriza-se, essencialmente, como a ênfase às tecnologias em detrimento do humanismo. Nela, os elementos que justificam a sociedade baseiam-se na produção e relações de trabalho, tal como defende o pensamento marxista; ou na democratização político-econômica engajada pelo neoliberalismo - ou seja, a lógica do capital.

As fortes relações sociais ruíram diante do rompimento dos vínculos pessoais estáveis e tradicionais, estabelecidos ente o sujeito e a sua própria vila ou aldeia, surge então o individualismo e a pressão das massas, que assume o papel de mecanismo propulsor para a geração de uma democracia moderna.

Os parâmetros de formação da identidade individual sofreram uma ampliação em sua escala, deixando de pertencer a um grupo e adquirindo a escala da nação. A nacionalidade cria a mentalidade do pertencimento a um grupo padrão através de valores nacionais uniformes, fortalecido pela formação iluminista dos Estados Nacionais, expressão máxima de organização modernista. (LIPOVETSKY; ROUX, 2005)

Porém, como ressalta GIDDENS (1990, p.3), “a modernidade é inerentemente globalizante” isso criou elementos que tornaram possível um novo rearranjo social, estes mesmos elementos imergiram as relações sociais numa dinâmica que logo tornou a vivência do espaço cada vez mais móvel e expansiva.

As sociedades familiares modernas viviam até em então uma economia baseada em produtos de criações independentes de abrangência setorizada, ao somar se isto uma série de fatores como a evolução dos meios de transporte, amplitude das possibilidades de logística e crescente modernização dos meios de comunicação, inaugura-se a era da economia global, onde as fusões e cisões mercadológicas constroem e reconstroem os chamados gigantes globais. Configurando assim a chamada pós-modernidade ou condição pós-moderna (LIPOVETSKY; ROUX, 2005).

Os significados de espaço e tempo mudaram com a transição do fordismo<sup>1</sup> para acumulação flexível do capital e com isso intensificou-se ao fenômeno da compressão do espaço-tempo. A compressão do espaço mais uma vez, deturpa a escala dos parâmetros de referências da identidade individual e, por conseguinte as referências coletivas, antes nacionais, e agora globais.

O pós-moderno emana das contradições e exageros encontrados no moderno. Surge como uma reação às estruturas solidificadas, desconstruindo os modelos e teorias sobre o consumo, globalização, padronização do modo de vida, hegemonia mercantil e massificação. Segundo Massey (2000) temos este fenômeno como “(..) movimento e comunicação através do espaço à extensão geográfica das relações sociais e a nossa experiência de tudo isso. A interpretação habitual é a de que isso resulta quase exclusivamente das ações do capital e de sua internacionalização crescente” (MASSEY, 2000, p.181).

Na condição pós-moderna, a sociedade assume características, tais como perda de uma única referência de estética, ideológica e comportamental e a existência da pretensão de inclusão de todas as culturas como mercados consumidores. Assim temos no consumismo e no surgimento contínuo de necessidade, os pilares de novo modelo social criado através das modificações na experiência do tempo e conseqüentemente das experiências espaciais em escalas cada vez menos restritas.

---

<sup>1</sup> Segundo Bonanno (2000, p. 27 a 29), o Fordismo pode ser sintetizado pela fase em que “os administradores aumentaram substancialmente seus controles técnicos, através de uma centralização e racionalização adicional do processo de trabalho [onde] usava-se a elevada especialização e mecanização da produção, a burocratização das empresas, o planejamento extensivo e o controle burocrático de ‘cima para baixo’, (...) e teve seu auge da metade da década de 50 até o final da década de 60. Entretanto, no começo dos anos 70 já estava enfraquecendo e expondo sérias contradições.”

## **A Pós-Modernidade e a Geografia**

Existe muita discussão a respeito da pós-modernidade na ciência, e na própria geografia, sendo vários os eixos de discussão e tendências que procuram delimitar o debate pós-moderno conforme analisa Salvi (2000, p.96), que também afirma que à análise ou identificação do “... potencial crítico dessa questão faz com que os estudiosos procurem redefinir as possibilidades de análise, discutindo-a antes como uma condição histórica e não como estilo”.

No que tange a relação dos conceitos pós-modernos na geografia, é possível detectar uma mudança abissal nas práticas culturais e político-econômicas desde 1972, e esta mudança está “... vinculada à emergência de novas maneiras dominantes pelas quais experimentamos o tempo e o espaço” (HARVEY, p.7). Portanto, enxerga-se este período do pós-modernismo como um período de transformações culturais.

Ocasionada diante da transformação político-econômica do capitalismo a partir do final do século XX, esta mudança, ainda de acordo com Harvey (1999) ganha expressão na arquitetura e no projeto urbano das cidades, na transformação do fordismo para a acumulação flexível, e na compressão do tempo-espaço que formam a condição pós-moderna.

Por se tratar de uma situação contemporânea, presente, como afirma Harvey (1999), não é fácil elaborar uma visão crítica da pós-modernidade, por esta ainda não ser uma condição histórico-geográfica, a não ser que tenha como referência condições sociais e materiais, o que possibilita escrever a geografia histórica da experiência do espaço e do tempo na vida social, assim como compreender as transformações por que ambos têm passado.

Consideramos muito relevante a descrição de Harvey a respeito da passagem da modernidade à pós-modernidade quando analisa o pós-modernismo:

Começo com o que parece ser o fato mais espantoso sobre o pós-modernismo: sua total aceitação do efêmero, do fragmentário, do descontínuo e do caótico que formavam uma metade do conceito baudelairiano de modernidade. Mas o pós-modernismo responde a isso de uma maneira bem particular; ele não tenta transcendê-lo, opor-se a ele e sequer definir os elementos “eternos e imutáveis” que poderiam estar contidos nele. O pós-modernismo nada, e até se espoja, nas fragmentárias e caóticas correntes da mudança, como se isso fosse tudo o que existisse (HARVEY, 1999, p.49).

Assim, pode-se dizer que as crises e rupturas das correntes modernas são a origem e a sustentação do que vem a ser a pós-modernidade, o cerne do pensamento filosófico pós-modernista reside em abandonar por inteiro o projeto do Iluminismo em defesa da emancipação humana (Harvey, 1999).

Paradoxalmente, Gomes (2007, p.341-342) coloca a pós-modernidade como a última das correntes do pensamento geográfico moderno “(...) que anuncia o fim dos tempos modernos, mas, fazendo-se herdeira de certos momentos da tradição, inscreve-se,

mesmo a contragosto, no ciclo da modernidade”. Portanto, defende a vertente da pós-modernidade como continuação da modernidade.

Para Sposito (2004) as mudanças paradigmáticas atuais, denominadas por alguns teóricos de pós-modernidade, “é uma crise filosófica na produção do conhecimento pela qual se buscam novas referências para sua própria compreensão” (p.121). Ou seja, por mais que busque uma ruptura com a modernidade, a pós-modernidade se parece até o momento como mais uma crise dos tempos modernos.

Já Hissa e Gerardi (2001, p.7-10) retratam que a sensação é de “ordem rompida” e o momento histórico, construído nos últimos trinta anos do séc. XX, é compreendido como uma transição, passando a geografia por mais um momento de revisões, em um período que a modernidade avança, também impulsionada pela ciência, mas estimula e explicita a crise e a contradição.

Moura (2008, p.13) considera que houve uma virada lingüística (no sentido de signos) na geografia característica da pós-modernidade em seu trabalho a respeito da geografia humana em sua abordagem cultural ou cultural pós-moderna. Afirma também que “a geografia pós-moderna é desordenada e inquietante, reflexo da crise contemporânea”, mas se mostra adepta a concepção de geografias pós-modernas.

Ao descrever as propostas encontradas na geografia, Salvi (2000, p. 108-109) relata que a Geografia ingressa no debate pós-moderno no final da década de 80, sendo a contribuição de maior abrangência a obra de David Harvey (1999); porém, quem estende o debate pós-moderno no nível da reflexão epistemológica na ciência geográfica é Michael Dear (DEAR, *apud* SALVI, 2000), que elaborou um artigo com o desejo de chamar a atenção dos geógrafos para o debate pós-moderno, trazer as idéias do pós-modernismo para uma maior audiência, freqüentemente modernista.

Percebe-se nestes debates o entrelaçamento da Geografia com a ordem no mundo, seja através da ciência, da sociedade ou pelas diversas manifestações da mesma. O que caracteriza a importância dos debates para a evolução do pensamento geográfico e demonstra, afinal que a ciência geográfica está viva, seja em momento de crise da ciência ou renovação da mesma. As controvérsias colaboram assim, para análises epistemológicas que motivam a avanços no pensamento, e enfim, a superação.

A exemplo dos debates propostos neste trabalho a respeito da pós-modernidade, torna-se difícil a primeiro momento não vê-la como ruptura, pois o pós-modernismo se demonstra como uma reação, uma crítica a modernidade e se propaga em momentos de crise da modernidade, e do capitalismo. Mas, no decorrer de suas manifestações, no seu desenvolver como movimento percebemos muita superficialidade no que propõe, e, portanto, se apossa de características modernas, passando a impressão de continuidade da modernidade, como uma “nova” crise cultural atual. Portanto, não se deve negar o estudo das recentes e novas espacialidades, e conseqüências sociais diversificadas que têm proporcionado.

### **Considerações Finais**

Percebemos que as transformações sociais que se iniciaram na modernidade, a partir do iluminismo fizeram com que diversos ramos das ciências, sobretudo, as humanas,



sociais, e econômicas recorressem à necessidade de se adequar a constante e crescente complexidade com que seus objetos de estudo foram incorporando com o passar do tempo.

A chamada pós-modernidade, não só gerou teorias necessárias ao entendimento das causas, mas também – e ainda demanda – teorias capazes de entender seus efeitos, tais como os mencionados inúmeras vezes neste estudo, e que não maioria, de tão efêmera transformação exige uma necessidade contínua de se renovar, e de se repensar os parâmetros que regem as organizações sociais.

O tempo existente entre uma geração e outra, nos dias atuais, confere uma distinção de concepções sociais muito mais discrepantes entre essas, ao analisarmos as gerações, as décadas que iniciaram o séc. XX. Diante das possibilidades tecnológicas, disponíveis hoje, vivemos o ápice da experiência de compressão do espaço e do tempo, o que logicamente em um curto intervalo de tempo, esta concepção já será outra, de possibilidades ainda inimagináveis, fato este que nos leva a pensar na pós-modernidade como uma condição que aos poucos vai ficando para trás.

### **Referências Bibliográficas**

BONANNO, Alessandro. **A globalização da economia e da sociedade: Fordismo e pós-fordismo no setor agroalimentar**. In: Center of Digital Discourse and Culture, Chigaco, EUA: University of Sam Houston, 2000. Disponível em <[http://www2.cddc.vt.edu/digitalfordism/fordism\\_materials/Bonanno.pdf](http://www2.cddc.vt.edu/digitalfordism/fordism_materials/Bonanno.pdf)>, acesso em 05. nov. 2008.

EVANGELISTA, Helio de Araújo. Geografias Moderna e Pós-Moderna. **Geographia**. Ano 1, nº. 1, 1999. Disponível em <<http://www.uff.br/geographia>>, acesso em 01. set. 2008.

GIDDENS, Anthony. **Capitalismo e moderna teoria social**. 5. ed. Lisboa: Editorial Presença, 2000. 335p

GOMES, Paulo César da Costa. **Geografia da Modernidade**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. 8ª ed. São Paulo: Loyola, 1999.

HISSA, Cássio Eduardo Viana; GERARDI, Lúcia Helena de Oliveira. Imagens da geografia contemporânea: modernidade, caos e integração dos saberes. In: GERARDI, Lúcia Helena de Oliveira; MENDES, Iandara Alves (Org.). Teoria, técnicas, espaços e atividade: temas de geografia contemporânea. Rio Claro: Ed. UNESP, 2001, p. 7-20.

LIPOVETSKY, Gilles; ROUX, Elyette. **O luxo eterno**: da idade do sagrado ao tempo das marcas. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MASSEY, Doreen. **Um sentido global do lugar**. In: ARANTES, Antônio (Org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papyrus, 2000. p. 176-185.

MOURA, Neide de. Rumo a Pós-Modernidade: A Virada Lingüística na Geografia. Virada Lingüística? **Geografar**. Curitiba, v.3, nº.1, p.01-15, jan./jun. 2008.

SALVI, Rosana Figueiredo. A Questão Pós-Moderna e a Geografia. **Geografia**. Londrina, v. 9, nº.2, p. 95-111, jul./dez., 2000.

SILVA, Carla Holanda da; ANTONELLO, Ideni Terezinha. Um olhar sobre as discussões a cerca da possível “Condição Pós-Moderna”. **Geografia**. Londrina, v.14, nº.2, p.185-196, jul./dez., 2005.

SPOSITO, Eliseu Silvério. **Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: UNESP, 2004.